

## IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM TORRES, Porquê?

José Krás Selau

### INTRODUÇÃO

A antiga Colónia São Pedro de Alcântara, 5º distrito de Torres, hoje município de Dom Pedro de Alcântara, ainda não tinha este nome e já era colonizada por imigrantes alemães. Isto aconteceu a partir de 1826, quando Torres não era muito mais do que uma simples referência geográfica nos mapas da época.

É claro que as terras eram muito férteis, isso é comprovado ainda hoje, e pediam para serem cultivadas. Portanto, perfeitas para uma colonização.

Selvagem, inóspito, isolado e longe dos grandes centros, assim era Torres naquele longínquo ano de 1826. Mas foi exatamente desta maneira e nesse ambiente que Torres recebeu naquele ano os imigrantes alemães. Eram em torno de 84 famílias, num total de cerca de 400 pessoas.

É muito provável que os encarregados da imigração alemã em nosso Estado tenham tido, nos anos anteriores, problemas em relação ao credo religioso dos imigrantes, muito rígido na ocasião. A verdade é que aqui o procedimento já foi um tanto diferente. Os imigrantes alemães professavam a religião protestante, em torno de 40 famílias ou 50%, foram assentados no Vale de Três Forquilhas, enquanto os católicos foram assentados aqui perto de Torres, mais precisamente no vale do Mampituba.

Mas, porque uma colonização alemã aqui em Torres, quando o certo seria não separá-los dos centros de assentamentos, perto uns dos outros, como fora previamente estabelecido, ou seja, nos vales do Sinos, Caí, Rio pardo, etc.? Todos estes locais, além de próximos, tinham ligação direta, por hidrovias, com a capital da Província. Desta maneira, puderam facilmente, além de progredir, manter as suas origens, a cultura, os costumes, o folclore, enfim, não perderam as suas raízes. Infelizmente, o mesmo não aconteceu aqui em Torres. Por circunstâncias que vamos relatar mais adiante, foram atirados no meio do mato à própria sorte, o que os levou, diante das amarguras e adversidades de toda a sorte, a lutarem somente pela sobrevivência, pela própria vida. Quem lhes estendeu a mão foram os poucos caboclos que aqui já viviam à beira das lagoas. Quando estes se depararam com aqueles indivíduos loiros, de olhos azuis, completamente perdidos e desorientados no meio da selva inóspita, ensinaram-lhes a fazer as casas de pau a pique (paredes de trama de varas com barro), formando os casebres de estuque de barro, cobertos com esteiras trançadas de palha de oiricana (uricana). Estas casas resistiram tanto e eram tão comuns que ainda eram usadas, em poucos casos é claro, na década de 1930. Por incrível que pareça, ainda hoje existem detalhes destas paredes de estuque em algumas casas deste município.

Foi com estes caboclos que aprenderam a fazer balaios, o pilão para fazer canjica, depilar (descascar) o arroz e tantas outras utilidades que o pilão tinha. Ensinaram também a caçar, a pescar, fazer chá com as ervas, as precauções com as cobras e animais do mato. Enfim, ensinaram aos colonos como sobreviver, uma vez que aqui foram abandonados à própria sorte.

Na mesma ocasião houve também uma tentativa semelhante de colonização por imigrantes alemães na zona das Missões que foi um verdadeiro fracasso, tendo os colonos inclusive enfrentados índios hostis, não bastassem as enfermidades desconhecidas, causadas por insetos, carrapatos, etc., sem que tivessem as mínimas condições para o tratamento das enfermidades, devido ao isolamento em que viviam. Esta é também uma colonização que até hoje ainda não tem uma explicação plausível para o fato, nem qual o verdadeiro motivo para colonizar as missões naquela ocasião.

Discute-se, ainda hoje, o real motivo do assentamento de imigrantes alemães aqui em Torres, onde parece ter havido mais interesse de terceiros do que a colonização propriamente dita. Senão vejamos. Através de referências e mesmo documentos encontrados, notam-se fortes indícios de que muitos imigrantes foram separados, não se sabe por qual promessa, de seus núcleos originais e enviados a Torres contra a sua vontade. O próprio comportamento posterior dos imigrantes prova isso, pois houve uma tentativa de êxodo, por parte de alguns colonos, com pedidos veementes de transferência para outras bandas, como para Três Forquilhas, Tramandaí, etc., pedidos, é claro, não atendidos.

Mas qual teria sido mesmo o real motivo de colonizar Torres com imigrantes alemães? O mentor ou mentores da colonização em Torres foram o Coronel Francisco de Paula Soares e Manoel Ferreira Porto. Já bem antes do pedido ao governo da Província para colonizar Torres com imigrantes alemães, trataram de construir uma estrada que ligasse o presídio das Torres à serra do Malha Coco, passando pelo vale do Mampituba, onde Ferreira Porto possuía vasta área de terra. Coincidentemente foi exatamente ali que foram assentados os imigrantes, quando chegaram a Torres em 1826, precisamente a 17 de novembro. É fácil imaginar que alguém queria aproveitar a tão falada e conhecida mão laboriosa dos alemães, cuja produção agrícola por certo seria farta e poderia facilmente ser escoada pela estrada feita serra acima até os centros consumidores, bem como as estâncias que já existiam em cima da serra. Mas, seria isto puro patriotismo, querendo o desenvolvimento da região e dos seus mentores?

Realmente é um quebra cabeça que fica a critério de cada um e que pode ser interpretado de varias maneiras.

Tudo parecia andar às mil maravilhas e parece que se estavam concretizando os interesses de ambas as partes, tanto dos mentores como dos colonos. Mas, eis que a natureza resolveu se fazer presente já nos primeiros tempos e liquidar com tudo, seja o que estava certo, quanto o que estava errado, frustrando os interesses dos mentores ou de quem os tinha, se é que realmente os havia. As chuvas começaram a cair impiedosamente, encharcando e inundando todo o vale do Mampituba. Os colonos, apavorados, juntaram as suas tralhas, salvaram o que puderam e se embrenharam nas matas rumo aos morros próximos, a leste da lagoa do Morro do Forno, onde se estabeleceram. Uma outra e terrível coincidência: as terras onde se estabeleceram nos morros próximos, situados onde hoje é a zona do Jacaré, pertenciam ao coronel Paula Soares, onde inclusive o mesmo já possuía em funcionamento um engenho de cana.

Se é que houve segundos interesses por parte de Paula Soares junto aos colonos, conforme narramos antes, por ironia do destino este lhe pregara uma peça. A área de terras que pertencia a Paula Soares era de 400 Ha. Esta área compreende exatamente as terras úteis existentes atualmente na localidade conhecida como Jacaré.

Passadas as chuvas, as enchentes e os alagadiços, os colonos negaram-se terminantemente a voltar ao vale do Mampituba, criando com isso, provavelmente, uma grande dor de cabeça ao mentor da colonização. Qual teria sido a atitude de Paula Soares nesta ocasião? Afinal estavam em jogo os seus interesses. Como teria reagido, vendo seus planos ruírem por terra, um a um?

Os colonos também estavam, além de apavorados, descontentes com todas aquelas situações, não querendo se fixar na terra, manifestando o desejo de ir embora. O governo, querendo obrigá-los a trabalhar a terra, cortou-lhes o subsídio. Foi então que apareceu um agitador entre os colonos. De procedência duvidosa, um aventureiro de origem francesa, chamado Louis Boudier, aproveitando a instabilidade dos colonos, infiltrou-se entre os mesmos, a fim de sublevá-los, o que realmente conseguiu. Os colonos sob comando de Boudier se revoltaram, exigindo fossem cumpridas as suas reivindicações, ou seja, a transferência para outras terras, como por exemplo para Tramandaí, uma de suas exigências, mesmo porque, com os subsídios cortados, um novo assentamento lhes traria os subsídios de volta por um longo período. Mas quem era Boudier? O simples fato de estar um francês relacionado entre os imigrantes alemães já é uma interrogação. No entanto, isso pode ser relevado. Mas por que um francês de origem duvidosa teria se dado ao trabalho de sublevar os colonos? Qual a finalidade? Teria sido por interesse próprio ou mandado por alguém também interessado em uma revolta dos colonos? Se assim foi, quem teria esse interesse?

Não podemos esquecer que Boudier fazia parte do serviço de segurança (=polícia) do próprio inspetor Paula Soares. No caso de Boudier ter conseguido seu intento, ou seja, os colonos serem transferidos para outras terras (Tramandaí), quem mais lucraria com isso, senão Paula Soares, uma vez que a maioria dos colonos estava assentada em suas terras (400 Ha) em Jacaré?

É claro que estamos apenas fazendo conjecturas, mas com certeza, no futuro, a história da imigração alemã em Torres já terá elementos para um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

Boudier fracassou no seu intento, mesmo que conseguisse, aliás, como conseguiu, um abaixo assinado pedindo providências, com o nome de 29 colonos, inclusive o seu, dirigido ao próprio inspetor Paula Soares. Sem poder ou não querendo resolver essa situação, os colonos sublevados foram em comissão até a capital da Província para levar pessoalmente as suas reivindicações ao governo. Chegados à capital, as coisas se precipitaram. Houve inclusive a prisão de alguns colonos que posteriormente, é claro, foram soltos.

O governo, aborrecido com todas essas encrencas, resolveu, de uma vez por todas, pôr um fim a essa terrível situação. Mandou chamar os colonos e, entre outras coisas, provavelmente teria dito mais ou menos assim: "ou vocês se fixam naquelas terras, ou voltam para a Alemanha a pé". Fim da revolta.

Dando o caso como fato consumado, impotentes ante a decisão do governo e, provavelmente, muito magoados, acataram a decisão, voltando a Torres e fixando-se definitivamente nas terras do Jacaré e arredores. O inspetor Paula Soares também magoado, conforme se nota em seus relatórios queixosos ao governo da Província, mudou o rumo dos acontecimentos. Entre perder as suas terras e o conceito que tinha junto aos seus superiores, não querendo cair em desgraça, optou por perder as suas terras. Em seguida pediu aos seus superiores lhe fosse enviado um agrimensor para medir e demarcar as ditas terras, a fim de entregar os respectivos lotes aos colonos.

Não podemos, também, descartar a possibilidade de Paula Soares ter posteriormente barganhado com o governo as suas terras. Diante de todos estes acontecimentos, tornou uma decisão. Mandou prender Boudier, enviando-o sob sérias acusações aos seus superiores para ser engajado nas forças armadas, o que, na época, significava quase a sua pena de morte. Se fosse nos tempos atuais, diríamos simplesmente que foi “uma queima de arquivo”. A partir daí, o inspetor Paula Soares passou a fazer a seus superiores, tão somente, simples e melancólicos relatórios dos acontecimentos locais em cumprimento de seu dever, passando sua vida, ao menos para os colonos, a se perder no tempo e na história.